

# Os Desejos de Mariana



Laiane Lourencine  
Yara Negrão Pedro

DEMONSTRATIVO

# Sumário

Resumo .....	7
1. Introdução .....	8
2. Referencial Teórico .....	9
2.1. Design Gráfico .....	9
2.2. Design Editorial .....	11
2.3. A Literatura Infantil e a leitura infantil .....	16
2.5 Educação Financeira para Crianças .....	22
3. Objetivos .....	24
4. Metodologia e Técnica de Desenvolvimento .....	25
4.1 Compreensão .....	25
4.1.1. Delimitação do Projeto .....	25
4.1.2. História .....	26
4.1.3. Pesquisa Realizada no Google Forms .....	28
4.1.4. Pontos Fortes .....	31
4.1.5. Pontos Fracos .....	31
4.1.6. Características do Mercado .....	31
4.1.7. Tendências .....	32
4.1.8. Análise Social .....	32
4.1.9. Análise Cultural .....	32
4.1.10. Público-Alvo .....	33
4.1.11. Pesquisa de Semelhantes .....	34
4.1.12. Definição do Problema .....	40
4.1.13. Definição do Objetivo .....	40
4.2. Proposição .....	41
4.3. Construção das Diretrizes .....	52
4.3.1. Rafes .....	52
4.3.2. Layout .....	54
5. Finalização .....	56
5.1. Resultados Esperados .....	56
5.2. Conclusão .....	57
Referências .....	59

DEMONSTRATIVO

# Índice de Figuras

Figura 1 - Erros na Hora de Diagramar.....	10
Figura 2 - Técnica LUTHI .....	10
Figura 3 - Livro sem grid .....	11
Figura 4 - Capa do Livro “Não vou dormir” .....	16
Figura 5 - Interior do Livro “Não vou dormir” .....	16
Figura 6 - Pesquisa no GoogleForms 1 .....	23
Figura 7 - Pesquisa no GoogleForms 2 .....	24
Figura 8 - Pesquisa no GoogleForms 3 .....	24
Figura 9 - Pesquisa no GoogleForms 4 .....	25
Figura 10 - Semelhante 1 .....	28
Figura 11 - Semelhante 2 .....	29
Figura 12 - Semelhante 3 .....	29
Figura 13 - Semelhante 4 .....	30
Figura 14 - Semelhante 5 .....	31
Figura 15 - Semelhante 6 .....	31
Figura 16 - Cores Referente ao Conceito Lúdico.....	33
Figura 17 - Tipografia Referente ao Conceito Lúdico 1 .....	34
Figura 18 - Tipografia Referente ao Conceito Lúdico 2 .....	34
Figura 19 - Tipografia Referente ao Conceito Lúdico 3 .....	35
Figura 20 - Crianças trabalhando o lado lúdico.....	35
Figura 21 - Criança brincando.....	36
Figura 22 - Criança se divertindo .....	36
Figura 23 - Cores Referente ao Conceito Acessível.....	37
Figura 24 - Tipografia Referente ao Conceito Acessível 1 .....	38
Figura 25 - Tipografia Referente ao Conceito Acessível 2 .....	38
Figura 26 - Tipografia Referente ao Conceito Acessível 3 .....	39
Figura 27 - Acessibilidade nas empresas .....	40
Figura 28 - Símbolo mundial da Acessibilidade .....	40
Figura 29 - Crianças tendo acesso à leitura na escola .....	40
Figura 30 - Rafe do pai.....	41
Figura 31 - Rafe da mãe .....	41
Figura 32 - Rafe da filha .....	41
Figura 33 - Layout 1.....	42
Figura 34 - Layout 2.....	42

# Índice de Tabelas

Tabela 1 - Parâmetros tipográficos recomendados.....	12
Tabela 2 - Semelhante 1.....	28
Tabela 3 - Semelhante 2.....	29
Tabela 4 - Semelhante 3.....	30
Tabela 5 - Semelhante 4.....	30
Tabela 6 - Semelhante 5.....	31
Tabela 7 - Semelhante 6.....	32

DEMONSTRATIVO

DEMONSTRATIVO

## Resumo

O hábito da leitura necessita ser desenvolvido durante a infância, porém as novas tecnologias dificultam esse hábito. A literatura pode entrar na vida das crianças com incentivo dos pais e professores. Livros infantis podem abordar assuntos diversos como a educação financeira, que é um tema pouco abordado nas escolas e nas famílias. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é desenvolver um livro infantil ilustrado abordando educação financeira para crianças de idade entre 8 e 9 anos, de maneira interativa e com linguagem simplificada. O título do livro é “Os desejos de Mariana”, o qual busca motivar as crianças a economizarem se espelhando na personagem principal. A coleta de dados foi feita por meio de pesquisas bibliográficas e de uma pesquisa online realizada com 80 pessoas a respeito do conhecimento sobre o tema. O livro contribuirá para que junto ao processo de ensino em âmbitos escolares e familiares, a criança adquira conhecimento a respeito do assunto tornando-a, futuramente, uma consumidora consciente.

**Palavras chave:** Design Gráfico. Design Editorial. Literatura Infantil. Educação Financeira.



# 1. Introdução

O hábito da leitura é algo de extrema importância que necessita ser desenvolvido durante a infância, porém, com as novas tecnologias há uma certa dificuldade para despertar esse hábito. A literatura pode entrar na vida das crianças com incentivo dos pais e professores, os livros infantis podem abordar assuntos diversos como a educação financeira, que é um tema pouco abordado e discutido na vida das pessoas, principalmente entre as crianças. Ao procurar por livros infantis que abordem o assunto, pouco foi encontrado e, nas escolas de educação infantil e fundamental, o tema não faz parte do currículo. Por conta dessas constatações foi realizada uma pesquisa pelo “Google Forms”, pela qual pode-se constatar que há falta de materiais gráficos de maneira lúdica e infantil que abordam o tema “educação financeira”.

Na composição deste projeto, buscou-se a definição de design gráfico, incluindo conceitos de diagramação para a facilitação da leitura e compreensão do assunto; dados sobre a literatura infantil e hábitos de leitura; informações sobre o livro infantil ilustrado; e alguns métodos sobre como ensinar educação financeira para crianças.

O objetivo deste trabalho é desenvolver um livro infantil ilustrado abordando educação financeira para crianças em idade de 8 a 9 anos, de maneira interativa e com linguagem simplificada.

Apesar do projeto ser um livro voltado para o público infantil, o público-alvo primário é quem adquire o livro, neste caso são pais, professores e o governo, quando os livros são adquiridos pelas escolas públicas para serem utilizados em sala de aula, no qual teria um valor acessível para que fosse distribuído para crianças de 8 à 9 anos que cursam o ensino fundamental, o público alvo secundário do livro.

## 2. Referencial Teórico

Para o referencial teórico foi feita uma busca pelas palavras-chave em livros, sites e artigos científicos pesquisados em bases de dados.

### 2.1. Design Gráfico

Antes mesmo de falar sobre o Design Gráfico, deve-se falar sobre o Design que assim como o Design Gráfico é difícil de definir pois, segundo Lobach (2001), o conceito muitas vezes causa confusão porque nem sempre fica claro o que se quer dizer com esse termo. Quando procuramos no dicionário, encontramos definições como: Projeto, Plano, Esboço, Desenho.

Daí podemos deduzir que o design é uma ideia, um projeto ou um plano para a solução de um problema determinado. O design consistiria então na corporificação desta ideia para, com a ajuda dos meios correspondentes, permitir a sua transmissão aos outros. Já que nossa linguagem não é suficiente para tal, a confecção de croqui, projetos, amostras, modelos constitui o meio de tornar visualmente perceptível a solução de um problema (LOBACH, 2001, p. 16).

O design gráfico já estava sendo utilizado desde o Renascimento, antes de ser definido como design gráfico, com a criação de tipos, do leiaute de página, de ornamentos e ilustrações. Cardoso (2018, p. 3) aponta que tais atividades foram ganhando espaço ao longo da segunda metade do século XIX, quando as empresas começaram a crescer muito e conseqüentemente a relação de compra e venda também. Sentiu-se então a necessidade de criar marcas, embalagens e propagandas para melhor identificar as empresas para fidelizar os clientes.

Rótulos, embalagens e etiquetas para identificar produtos; folhetos e panfletos para divulgar informações; impressos comerciais (apólices, notas fiscais, papel timbrado, cartões de visitas) para caracterizar firmas; cartazes e reclames para anunciar eventos e mercadorias. Tais atividades foram ganhando espaço ao longo da segunda metade do século XIX, dando ímpeto não somente ao design gráfico como também à publicidade nascente. (CARDOSO, 2018 p. 3)

Villas Boas (2003, p.11) indica que design gráfico “é a atividade profissional e a conseqüente área de conhecimento cujo objetivo é a elaboração de projetos para reprodução por meio gráfico de peças expressamente comunicacionais.” É que, assim como o design, o design gráfico tem o objetivo de criar projetos, mas esse é mais voltado para áreas gráficas, ou seja, impressas. “Essas peças – cartazes, páginas de revistas, capas de livros e de produtos fotográficos, folhetos etc. – tem como um suporte geralmente o papel e como o processo de produção a impressão”. Pode-se acrescentar que além da área impressa, o design gráfico engloba também a área digital como propagandas em redes sociais.

Sendo assim, o Design Gráfico está presente em quase tudo que vemos hoje em dia, como nas prateleiras de supermercado, cartazes, fachadas de lojas, marcas, posts de Facebook, Instagram entre muitos outros. Mesmo assim o Design Gráfico continua sendo desconhecido por muitas pessoas e, muitas vezes, passa despercebido.

O design editorial é uma das subáreas do design gráfico, o qual busca por meio de estudos e pesquisas, contribuir com a difusão de conhecimentos e incentivar o hábito da leitura, sendo criando layouts e livros físicos que chamem a atenção do público, ou criando livros digitais com interações.

## 2.2. Design Editorial

O Design Editorial é voltado para projetos gráficos de livros, revistas, jornais entre outros, para a criação da identidade e a organização das informações em publicações, de modo a proporcionar uma boa comunicação com o leitor.

Rótulos, embalagens e etiquetas para identificar produtos; folhetos e panfletos para divulgar informações; impressos comerciais (apólices, notas fiscais, papel timbrado, cartões de visitas) para caracterizar firmas; cartazes e reclames para anunciar eventos e mercadorias. Tais atividades foram ganhando espaço ao longo da segunda metade do século XIX, dando ímpeto não somente ao design gráfico como também à publicidade nascente. (CARDOSO, 2018 p. 3)

Existem alguns erros que acontecem ao diagramar que se deve tomar cuidado, como por exemplo, a disposição incorreta de imagens gerando dificuldades na leitura.



Figura 1 - Erros de diagramação  
Fonte <https://is.gd/wdmEFI>

Para não cometer tal erro, existem algumas técnicas de diagramação, dentre elas, o LUTHI e o suporte, os quais compreendem o processo de distribuição do texto ao longo de uma página, com ou sem imagens.

A sigla L U T H I refere-se ao posicionamento do texto e da imagem na página, sendo cada letra o formato que o texto adquire pelo posicionamento da imagem. Na técnica suporte a imagem ocupa a largura total da página e o texto é posicionado abaixo ou acima dela. A figura 1 apresenta cada uma das técnicas (ARTY, 2018).

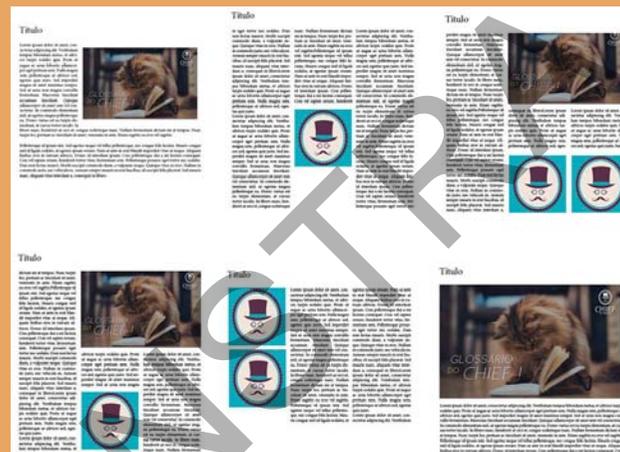


Figura 2 - Técnica LUTHI  
Fonte <https://is.gd/wdmEFI>

Dessa maneira, é bem mais fácil não se perder na leitura, pois as imagens formam um caminho de texto que o leitor pode entender onde iniciar a leitura e onde terminar.

Outra técnica utilizada no design editorial é o grid. Segundo Haslam (2009) o grid determina as suas divisões internas; o layout estabelece a posição a ser ocupada pelos elementos. O uso do grid proporciona consistência ao livro, tornando coerente toda sua forma.

Os designers que usam grids partem da premissa que tal coerência visual permite que o leitor se concentre no conteúdo em detrimento da forma

Basicamente o grid é a área delimitada para informações e imagens, ou seja, para que haja uma coerência e uma padronização em todas as páginas, os textos e imagens devem ser dispostos apenas dentro dessas áreas, evitando confusão na leitura.

Haslam (2009, p.42) indica três tipos de grids:

Simétrica: “as grids simétricas reforçavam a simetria natural do livro. A página esquerda do manuscrito é a imagem espelhada da página direita”.

Assimétrica: “as páginas assimétricas como o próprio nome indica, não possuem uma linha de simetria em relação a área de texto”.

Grids baseadas na geometria: uma grande quantidade de livros usava esse sistema. Na Europa, não havia um sistema padronizado para medir, pois as varetas de medição eram rústicas e cada impressor inventava um tamanho para os tipos.

Porém, o fato de que cada projeto pode seguir conceitos diferentes, em alguns casos, o uso do grid é opcional. Segundo Haslam (2009 p.69), um grande número de livros ilustrados é projetado sem o uso de grid. Uma vez que o formato e tamanho do livro tenham sido decididos, serão desenhados ou pintados na proporção da página ou o designer trabalhará na composição dos elementos.



Figura 3 - Livro sem grid  
Fonte: Haslam (2009 p.69)

Para elaborar um livro infantil, deve-se tomar alguns cuidados como a ilustração, a quantidade de texto, o tamanho da tipografia, entre outros.

Bahia (1995, p.15) indica que o “pensamento infantil está aberto ao imaginário, pulsando com ele e necessitando de leituras que exercitem e conduzam à ampliação deste imaginário”. A ilustração tem a função de incentivar o imaginário da criança a criar fantasias, além de complementar o texto “a fantasia estaria naquilo que é imaginável, que não é visível aos olhos comuns, como uma espécie de dom do espírito”.

Segundo FÜHR (2013, p. 23) “diferentemente de muitos livros para adultos, os livros para crianças geralmente não se valem apenas de palavras. O universo de imagens e elementos visuais corriqueiramente se entrelaça com o texto, auxiliando na transmissão da mensagem”. Por esse motivo, os textos podem ser menores e com mais ilustrações, pois dessa maneira o livro torna-se mais interessante de ler, ao invés de ser apenas texto.

Como é citado por FÜHR (2013, p. 26) “as escolhas tipográficas para o projeto de um livro infantil são determinadas principalmente pela família tipográfica, tamanho da fonte e espaço entrelinhas.” Para cada faixa etária, a tipografia deve ter um tamanho correto para que não haja dificuldade para a criança na hora da leitura.

As definições de tipografias e tamanho de letras são feitas por meio de testes, como o realizado por Rumjanek (2008, p. 1240).

Com objetivo de aumentar a confiabilidade estatística do teste, as crianças foram divididas nos grupos de idades de 5 a 7, e 8 a 11. Foi identificada uma variação significativa, nas duas diagramações, para o grupo de idades menores (5 a 7), indicando que o aumento do tamanho do corpo foi acompanhado por um aumento da velocidade de leitura. Essa variação não foi observada nos grupos de idades maiores (8 a 11). Os mesmos grupos de idade foram utilizados na análise feita sobre os erros cometidos. Por meio desta análise, foi identificado que todas as crianças cometeram mais erros nos tamanhos de corpo menores.

Tomando os cuidados citados acima, a chance da criança se interessar pelo livro é bem maior, pois tudo está adequado para que chame sua atenção.

Podemos ver na tabela abaixo os tamanhos do corpo do texto, a quantidade de letras por linhas, o tamanho de coluna e as entrelinhas de um texto de acordo com a faixa etária.

Faixa Etária (Idade)	Corpo do Texto (Pontos)	Letras por Linha (Linha 10,16 cm)	Coluna (cm)	Entrelinha (cm)
0 - 7	28	32	12,07	0,66
7 - 8	18	38	10,06	0,432
8 - 9	16	45	8,89	0,406
9 - 10	14	52	9,52	0,33
10 - 12	12	58	10,16	0,305
Acima de 12	11	60	11,43	0,254

Tabela 1 - Parâmetros tipográficos recomendados

Fonte: Coutinho e Silva (2006) apud Führ (2013)

Para a produção de um livro infantil, além de entender toda a parte técnica que cerca o livro, foi necessário também nos aprofundar em como é a literatura infantil e a relação entre a criança e a leitura, para que o livro aborde determinado tema de maneira correta para seu público.

## 2.3. A Literatura Infantil e a leitura infantil

Atualmente, a atenção que as crianças deveriam dar para livros, estão sendo tomadas pelos meios de comunicação em massa. No ano de 2010, Ligia Cademartori consegue definir o futuro atual das crianças dizendo:

As crianças crescem diante de uma televisão, brincam desde cedo em jogos eletrônicos e encontram pela internet, instantaneamente informações de que precisão. Podem saber de tudo o que está acontecendo em tempo real. À disposição delas estão muitas informações. São tantas que atordoam. (CADEMARTORI, p10, 2010)

Podemos dizer que o status da criança-leitora tem um grande inimigo desde dos anos de 1990. Zilberman (1984) explica que, os grandes causadores da não leitura são “a televisão, a revista em quadrinhos, e até a música pop, disputando a uma preferência que, segundo o bom senso dos adultos, deveria ser concedida ao livro” e nessa história podemos incluir, atualmente a internet, que está cada vez mais inserida na vida das crianças.

Uma pesquisa realizada no final de 2017 pela Panorama Mobile Time/ Opinion Box, revela que em famílias brasileiras cujos pais têm smartphones, 72% das crianças de 10 a 12 anos tem o seu próprio, e os 28% que não tem, usam o dos pais. Podemos usar essa pesquisa como parâmetro de como a tecnologia está cada vez mais implementada na vida das crianças, e com isso, aproveitar o tempo que as crianças têm offline, ou seja quando estão nas escolas, pode ser uma pequena brecha que o livro impresso, faça parte da vida das mesmas. (PAIVA, 2017)

A literatura pode entrar na vida das crianças por uma essa fresta e com incentivo dos pais e professores, o livro impresso pode entrar como algo diferente das pequenas caixas pretas que já fazem parte da vida dos pequeninos, e assim, trazer a eles uma forma de entretenimento mais reflexivo e tornando-os pequenos leitores desde cedo.

Há também o meio de se utilizar dessa tecnologia ao nosso favor. Atualmente o mercado de livros digitais vem crescendo cada vez mais, o número de livrarias vem diminuindo desde 1999, onde havia pelo menos uma em 35,5% dos municípios, um porcentual que caiu para 27,4% em 2017, sem contar que no mesmo ano, foi visto pelo IBGE que 70,5% dos lares brasileiros possui acesso à internet. As pessoas estão buscando saciar a falta de livros encontrados fisicamente com livros encontrados na internet, pois vale lembrar que 97,15% dos municípios que tem ao menos uma biblioteca, nem sempre possui um acervo amplo, e Ricardo Garrido, que é gerente geral de aquisições de conteúdo para Kindle (plataforma desenvolvida pela empresa Amazon de livros digitais) afirma que “O livro digital aparece justamente para resolver essa deficiência, porque as pessoas que não são atendidas por uma livraria têm acesso a qualquer livro em menos de um minuto” (CARCÉRES, 2017).

Com relação à literatura infantil, apenas pelo nome, já se pode discernir que é um tipo de literatura voltada para crianças, porém podemos também analisar que esse pensamento direto sobre o termo, pode acabar trazendo para nós, adultos, um certo sentimento de menosprezo, tanto que o tema é considerado “o primo pobre” quando visto apenas pelo sistema literário, mas ela tem um grande destaque quando é vista pelo sistema de educação (CADEMARTORI, 2010).

A literatura infantil surgiu primeiramente para o ensino das crianças, anterior ao século XVIII, com intenções morais e pedagógicas para alfabetizar os cidadãos daquela época. No Brasil, segundo Lajolo (2001) muitos livros tinham a escola como um “entrepasto seguro, quer como material de leitura obrigatória, quer como complemento de outras atividades pedagógicas, quer como prêmio para melhores alunos”, pois percebe-se que a escola passou a ser vista como um meio de conexão entre o aluno e o livro. Grandes

autores brasileiros como Henriqueta Lisboa, Otávio Bilac, Raquel de Queiroz, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector, e muitos outros grandes nomes da literatura brasileira aderiram a escrita trazendo muitos títulos para o país (CADEMARTORI, 2010, p11).

Muito cultuada por pais e professores que, buscam transformar seus filhos/ alunos, em crianças-leitoras, a literatura infantil é muito importante pois oferece, pelo exercício da leitura, bons recursos, como por exemplo, aumento da intelectualidade, melhora a escrita, aquisição de vocabulário, sem contar que, a literatura traz para a criança grande quantidade de experiências e sentidos que marcam para sempre a sua vida.

Quando o assunto é criança, é necessário também, ter um cuidado muito especial com o tipo de linguagem usada no texto que será direcionado a ela. Existem muitos autores que estão presos na regra de “evitar usar palavras que crianças não conhece” o que é um pensamento criticado por Hunt (2010, p158).

Essa opinião, de que limitar a linguagem não é só desnecessário, mas imbecilizante, tem sido sustentada por pedagogos que, mesmo assim, atribuem ao ato de contar histórias pouca importância para a aquisição da língua. Os psicolinguistas do desenvolvimento contribuem com dados valiosos sobre o processo de aquisição da língua, como o fato de que a percepção da sintaxe ocorre muito mais cedo do que geralmente se supõe. Os pedagogos geralmente concordam.

